

Melissa Hill

DESTINOS CRUZADOS

Tradução
Raquel Dutra Lopes

*Quinta Essência**

1

Holly O'Neill sempre tinha considerado que a vida era tal e qual um globo de neve. Vistas de fora, as coisas pareciam tranquilas até que se abanava o globo e tudo o que estava lá dentro se baralhava.

Encostou o nariz à vidraça da janela no momento em que um delicado floco de neve aterrava no vidro à sua frente para logo em seguida se dissolver e desaparecer.

Holly adorava a primeira queda de neve do inverno. Era sinal de que o Natal não tardaria a chegar – uma altura para se aninhar junto à lareira quente do seu apartamento acolhedor, num prédio sem elevador. Indicava que em breve haveria luzes a piscar, vinho quente e faces coradas, enquanto a cidade buliçosa se cobria de um manto de neve que tornava tudo mais romântico.

Fechou os olhos e imaginou a boa vontade que parecia florescer automaticamente em Manhattan assim que as temperaturas no exterior baixavam e os sentimentos generalizados de alegria se espriavam. Sorriu, ansiando pela época festiva, e perguntou-se que coisas fantásticas a neve lhe traria.

– Mãe! Não encontro o *iPod*!

Holly abriu os olhos e depressa regressou à realidade. Com um sorriso, virou costas à janela ao mesmo tempo que a porta

da sala de estar se abria e revelava uma criança de dez anos num alvoroço tecnológico.

– Não sei onde o pus e preciso dele agora. Descarreguei uma música nova do Kanye e quero que o Chris a ouça lá na escola.

O seu filho Danny estava na frente dela, com os olhos azul vivo muito arregalados de preocupação e o cabelo castanho-escuro, que Holly já alisara diligentemente com água, outra vez espetado e a fazê-lo parecer acabado de sair da cama.

– Danny, acalma-te... fui eu que o trouxe, está aqui – disse-lhe, a apontar para a antiga mesa de apoio em pau-rosa que tinha resgatado a uma perdição certa numa loja de produtos em segunda mão na Canal Street.

O rapaz arqueou as sobrancelhas com uma expressão cética.

– Tu... tens o meu *iPod*? – Apressou-se a recuperar o pequeno aparelho e a ligá-lo, como se quisesse assegurar-se de que a mãe e a sua incompetência tecnológica não tinham feito nada que pudesse transformá-lo num objeto de uma era há muito perdida. – Desconhecia que sabias usar isto.

Holly inflou o peito.

– Olha, para que saibas, fiquei a dominar na perfeição o *BlackBerry* que a Carole me ofereceu quando fiz anos.

Recordou a tentativa que a patroa fizera de a transportar para o século XXI, pensando que seria vantajoso que ela fosse capaz de gerir facilmente a lista de clientes, as entregas e outros assuntos da *Secret Closet*¹, a loja de roupa *vintage* em Greenwich na qual trabalhava.

– Só porque te ensinei, mãe – comentou Danny com um sorriso acanhado enquanto percorria a sua *playlist*. – Hã, quem é o Dean Martin? – perguntou como se tivesse acabado de sentir um mau cheiro.

Holly lançou as mãos ao ar, fingindo não acreditar.

¹ À letra, «Armário Secreto». (N. da T.)

– Um filho meu que não sabe que é o Dean Martin? «When the moon hits your eye like a big pizza pie that's... Amore!»²

– cantarolou ela enquanto Danny revirava os olhos.

– Uma canção acerca de piza? Que esquisito.

– Não é acerca de piza. É sobre o amor. Ouve-a, descarreguei-a. Acho que o meu disco deve estar guardado nalgum sítio, porque não consegui encontrá-lo.

– Ouço a tua música se tu ouvires o Kanye.

Holly riu-se.

– Ah, sempre pronto a negociar. Talvez mais tarde, querido, agora temos de ir andando. Já estou atrasada e hoje esperamos uma entrega na loja de manhã.

O filho sentou-se na cama feita com mestria que estava escondida atrás de uma bonita cortina de seda a dividir a sala de estar. Holly dera o único quarto do apartamento a Danny para que ele pudesse ter espaço para as suas coisas e alguma privacidade.

– Não entendo.

– O que é que não entendes, filhote? – perguntou Holly enquanto espreitava para dentro do armário em busca do seu casaco *vintage* da *Dior*, que tinha resgatado do fundo de uma pilha de roupa no emprego. Só com o desconto de funcionária da loja conseguia adquirir peças belas de outra época ou, o que era mais importante, manter Danny calçado e pagar a renda.

– Porque é que as pessoas querem comprar roupas que outra gente usou?

Holly suspirou. Tratava-se de uma conversa que haviam tido várias vezes e, como sempre, ela tentou explicar-lhe o encanto da roupa *vintage*, de coisas que tinham uma verdadeira história e que haviam sido usadas enquanto os seus anteriores proprietários se apaixonavam, choravam e viviam grandes aventuras.

² Música «That's Amore», de Dean Martin. Numa tradução simples, «Quando a Lua te parece uma piza bem redonda, isso é... amor!» (*N. da T.*)

Acreditava de facto que cada uma das peças que passava pela loja era única à sua maneira; todas tinham personalidade; todas tinham vivido.

Danny, contudo, sendo um rapazinho, tudo o que prezava eram os ténis novos da *Nike* que tinha calçados.

– Um dia hás de compreender... ou, o que é mais provável, hás de conhecer uma rapariga que compreenderá.

Danny revirou os olhos, o que era uma reação típica. Ainda estava numa fase em que só queria «distância» das raparigas. Holly calculava que, dali a uns dois anos, a história seria diferente.

– Está bem, mãe.

– *Está bem*, vais ver. Muitos são os homens que entram na loja desesperados em busca de uma mala de mão, de um lenço ou de um vestido que as namoradas, noivas ou mulheres viram e que simplesmente *não podem* perder. Um dia, serás um deles. A revolver uma loja como a nossa à procura de uma determinada mala de mão.

– Nem pensar. *Nunca* vou gostar de uma rapariga que use malas de mão.

Holly encontrou o casaco que procurava e virou-se para o filho com um grande sorriso.

– Ah, isso é como dizeres que só gostas de peixes que não nadam. Naturalmente, é impossível.

Danny encolheu os ombros e acedeu a sorrir um pouco.

– Bem, suponho que, desde que ela não me obrigue a ouvir música sobre piza, não faça mal.

– Ah, ah! – Holly continuou a sorrir enquanto dava uma vista de olhos pela sala. – Muito bem, acho que estou pronta. – Por mais organizada que tentasse ser na maioria dos dias, era inegável que costumava ter dificuldades para sair de casa de manhã. – Como estou?

Tinha vestido uma saia lápis castanha que lhe distinguia a figura esguia e uma blusa branca com um *foulard* rendado que

condizia com o casaco cor de laranja de veludo cotelê. Umas botas castanhas, de pele plissada, davam-lhe pelo joelho e completavam o conjunto.

Não era muito alta; de meias, media apenas um metro e sessenta e cinco pelo que se sentia compelida a usar saltos altos quase sempre. Assim, as botas, ainda que encantadoras, também eram pouco práticas, já que tinham tacões de cinco centímetros. Felizmente, Holly usava saltos altos há tanto tempo que se tinha habituado e andava como se fosse um par de ténis que tivesse calçado. Era razoavelmente esbelta, ainda que, a seu ver, não o bastante. Nunca fazia dietas a sério, mas tentava manter-se longe de *junk food* e claro que o facto de andar muito ajudava. O que não ajudava era viver tão perto de algumas agências de modelos de Manhattan.

Usava o cabelo acobreado solto e tinha uns olhos verdes como esmeraldas brilhantes que realçavam a brancura da sua pele. Com um apelido como O'Neill e aquela aparência, as pessoas presumiam que ela tivesse ascendência irlandesa. Contudo, embora houvesse sido criada por irlandeses, não tinha a certeza absoluta de que lhe corresse sangue irlandês nas veias, pois fora adotada por Seamus e Eileen O'Neill quando tinha apenas oito meses.

Nessa altura, eles já eram praticamente nova-iorquinos dado que haviam emigrado de zonas diferentes da Irlanda na juventude, tendo-se conhecido e apaixonado em Queens, onde a mãe de Holly ainda morava. Infelizmente, o pai morrera anos antes.

Danny estava a mirá-la de cima abaixo.

– Na verdade – disse-lhe num tom pensativo –, acho que te falta qualquer coisa.

O filho sorriu-lhe e sacudiu a mão, a ver se ela percebia a que se referia.

Holly baixou a cabeça para se observar, com o rosto carregado.

– Bem, não estou a ver o que... oh!

Ao arregaçar as mangas, verificou que o pulso esquerdo não tinha o adorno muito importante que ela costumava usar.

Danny levantou-se e foi até à cómoda de Holly, em cima da qual estava uma pequena taça de cristal que continha várias joias. Encontrou o que procurava e virou-se para a mãe.

– Aqui tens. – Pousou-lhe na palma da mão uma pulseira de prata com pendentes. – Ias-te esquecendo!

Holly sorriu afetuosamente ao rapazinho que a conhecia tão bem. Era certo que raramente chegava a tirar a pulseira, mas guardara-a na noite anterior a fim de limpar a cozinha por recear manchá-la ou que se prendesse nalguma coisa. Todavia, mesmo que Danny não a houvesse lembrado naquele momento, ela sabia que não se teria afastado muito sem se dar conta da ausência no seu pulso. Sentia-se nua quando não a tinha posta.

– Posso ver o meu pendente outra vez? – perguntou-lhe o filho.

– Claro que podes – respondeu ela enquanto fixava o fecho da pulseira. – Olha, aqui está. – Sacudiu o pulso e mostrou-lhe um pendente em forma de cegonha a transportar um pequeno embrulho, um bebé. – Recebi-o pouco depois de ter descoberto que ia ter-te.

Danny observou o pequeno berloque.

– Foi o pai, certo?

Holly esboçou um sorriso tenso e sentiu a pulsação a acelerar um pouco.

– Hã, sim, acho que sim. Bem, está na altura de irmos embora. Não queres chegar tarde à escola, pois não?

A sua intenção era distraí-lo para que ele não lhe fizesse mais perguntas acerca do pai. Não estava mesmo com disposição para ir por aí, pelo menos naquela altura.

Danny tornou a afagar o pendente.

– Está bem, vou só buscar a mochila. Depois vais buscar-me à escola?

Ela abanou a cabeça, com pena.

– Não, hoje não, devo vir para casa um bocadinho mais cedo do que é costume. A Kate tem um encontro – respondeu, referindo-se à sua amiga que costumava tomar conta de Danny depois das aulas.

– Oh, não faz mal – disse ele, de repente a mostrar-se ligeiramente melancólico.

Ela inclinou-se para ficar ao nível dele, com um ar preocupado.

– Então – perguntou-lhe, segurando-lhe o queixo para que ele erguesse o rosto. – O que se passa? Gostas da Kate, não gostas? Vocês divertem-se sempre.

Ele encolheu os ombros e esquivou-se ao olhar dela.

– Eu sei, ela é fixe. Não é isso. É só que... – Hesitou um pouco com um ar envergonhado e desanimado.

Holly franziu o sobrolho.

– O que é, Danny? O que se passa?

– Não é nada, sei que trabalhas muito e a Kate é muito divertida. Mas às vezes os pais dos outros meninos vão buscá-los à escola.

A mãe esboçou um sorriso triste. O tema do «pai» era muito sensível e Holly costumava esforçar-se por evitá-lo a todo o custo, mas acabava sempre por vir à baila. Regra geral, nas piores alturas, como naquela, em que já estava a ficar atrasada.

Danny olhou para ela com um ar culpado.

– É só que as outras mães têm ajuda dos pais, sabes? Quem me dera que tivesses ajuda, às vezes.

A galantaria do filho fê-la sorrir.

– Ei, amiguinho, tenho tudo aquilo de que preciso. Não te preocupes comigo. Acho que formamos uma boa equipa, tu não achas? – Em seguida, beliscou-lhe as bochechas e deu-lhe um beijo na testa.

– Eu só quero que sejas feliz. Os outros pais oferecem flores e joias e coisas às mães. Alguém devia fazer isso por ti.

Por fim, ela riu-se.

– Mas para que preciso eu de flores e joias quando te tenho para me educares acerca do funcionamento sofisticado de um *iPod*? Confia em mim, Danny. Estou bem. Tenho-te a ti e isso quer dizer que tenho tudo o que quero. Agora vamos lá pôr-te na escola. E, se calhar, lá mais para o final da semana, podemos ir os dois até à loja da *Apple*... ver o que queres pedir ao Pai Natal este ano. O Natal está quase a chegar, já reparaste?

Danny revirou os olhos.

– Mãe, tu sabes que já não acredito no Pai Natal. Isso é para criancinhas.

Holly pegou na sua mala e tornou a olhar pela janela, vendo a neve que caía com maior intensidade. Sorriu, prevendo o que sentiria ao sair, cheirar o inverno no ar e ter o vento a tocar-lhe no rosto. Durante aquela época do ano, Nova Iorque era mesmo como um conto de fadas.

Apressou o filho a passar a porta enquanto desligava a luz.

– Bem, faz-me a vontade, está bem? Por acaso, eu acredito nele. Seja como for, vai por mim, nunca se é demasiado crescido para acreditar num pouco de magia.

2

Enquanto seguia para Greenwich Village depois de se certificar que Danny ficara em segurança do outro lado do portão da escola, Holly voltava a maravilhar-se com as iluminações natalícias que pareciam dominar as ruas daquela zona da cidade. A Bleecker Street estava frequentemente coberta de luzes, mas, naquela época do ano, eram festivas e não simplesmente espalhafatosas.

Viu as horas e fez uma paragem no estabelecimento do costume, uma pastelaria coreana na esquina da Tenth com a Waverly, onde pediu um café. Aqueceu as mãos no copo de cartão bem quente e encostou-o à face, deixando o vapor escapar-se. Não obstante o facto de já trabalhar na loja *vintage* quase há quatro anos, ainda não conseguira ter o trajeto até ao trabalho sob controlo. Chegava sempre atrasada, apesar de, mesmo com o desvio pela escola de Danny, a poucos quarteirões dali, se tratar apenas de um curto percurso a pé desde a sua casa.

Apressada, ia olhando de relance para algumas das montras das outras lojas, parando por um instante em frente à Encore, a principal concorrente da Secret Closet. A Encore tinha umas quantas luzes vermelhíssimas em redor do caixilho da montra e exibia várias malas de mão de pele esbatida e xadrez. Um manequim com um vestido de gala dos anos 1950 encontrava-se a um canto da montra e outro de blusão à motar e calças de

ganga *à la* James Dean estava acorçado do outro lado. Holly abanou a cabeça com complacência. Era uma pena já que dava para ver que as malas eram autênticas e que até era perfeitamente possível que o vestido de gala tivesse nalguma altura sido usado por alguém como Greta Garbo.

Frank, o proprietário da loja, pura e simplesmente não sabia decorar uma montra. De súbito, o dito apareceu por trás do manequim vestido como James Dean e acenou-lhe, muito contente, apontando para os artigos em exposição e lançando os polegares para cima como que a dizer: «Nada mal, hein?» Holly riu-se e replicou o gesto.

A sua patroa, Carole, já estava a trabalhar quando ela chegou à loja: as persianas estavam subidas, ainda que as luzes continuassem apagadas. Holly empurrou a porta e a corrente de ar frio que entrou fez tilintar os sininhos pendurados no puxador.

– Bom dia, Carole! – saudou ela alegremente enquanto afastava o cabelo que lhe tinha caído para a cara e limpava a neve derretida das faces rosadas.

– Estou nas traseiras, um segundo, vou já! – respondeu uma voz aguda provinda do fundo da loja.

Holly desenrolou o lenço e dobrou-o, pousando-o juntamente com a mala atrás do balcão.

Começou a acender as luzes que realçavam os vários expositores de roupa daquele espaço. Ao som do clique-claque das suas botas no chão de madeira polida, ela ia tendo vislumbres de si mesma nos espelhos de cada parede, que iam do chão ao teto.

Só havia uns dez expositores espalhados pela loja; Carole gostava de ir mudando a roupa de acordo com as estações, mantendo-se atenta às tendências de que muitas das suas clientes estilistas – bem como o número mais recente da *Vogue* – lhe davam conhecimento.

Os expositores de aço inoxidável não estavam muito cheios, sendo que cada peça belamente restaurada e engomada se

encontrava cuidadosamente pendurada num cabide de madeira. Carole exigia que houvesse um espaço de dez centímetros entre as peças; detestava que os clientes tivessem de revolver pilhas de roupas para encontrarem alguma coisa.

Havia prateleiras simples, como uma escada, a um canto da loja, nas quais chapéus e lenços estavam meticulosamente expostos e, à frente das montras, voltados para dentro, dois bancos compridos com compartimentos de vidro cheios de acessórios mais pequenos – broches, ganchos e adereços variados para o cabelo.

Holly inclinou-se para a montra a fim de se assegurar de que o vidro não tinha qualquer sujidade. Aquela decoração não poderia ser mais diferente da montra da *Encore*. Carole achava que os manequins que as lojas habitualmente usavam eram de mau gosto, pelo que, muito tempo antes, conseguira deitar a mão a dois modelos de uma exposição de trajes do Museu Metropolitano de Arte.

Como acontecera isso era coisa que Holly nunca ficara a saber, mas a verdade era que tinham um aspeto fabuloso. Esculpidos a partir de uma belíssima madeira e cobertos por uma fina camada de veludo, naquele momento um dos modelos exibia um fato *Ralph Lauren* às riscas, da década de sessenta do século passado, enquanto o outro estava coberto até aos pés por um vestido *Oscar de la Renta* do início dos anos setenta, em renda branco-marfim.

Nada mais havia na montra para além de uma boa iluminação e visibilidade para o interior.

Na maior parte dos dias, Carole andava à caça da peça *vintage* perfeita, chegando mesmo a frequentar leilões da *Sotheby's* quando sabia que um grande espólio ia ser praceado, mas passava a maioria das manhãs a verificar *stock* e doações novas. Uma percentagem de todos os lucros ia automaticamente para a Cruz Vermelha e, como a loja desfrutava de uma clientela distinta e abastada, os preços não eram para corações sensíveis.